



## **PODCAST NA ESCOLA: CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS E VIVÊNCIA DE PRÁTICA SOCIAL**

**Monalisa Pedrosa Moraes<sup>1</sup>**

Universidade Estadual de Goiás

### **RESUMO**

Com mais de 30 milhões de ouvintes no Brasil, e com quase 50% dos jovens consumindo-a, a mídia *podcast* aparece como possibilidade ao considerarmos o uso de novas tecnologias no ambiente escolar, como prevê a BNCC (2018). Dando continuidade a uma pesquisa realizada em 2019 (Moraes; Freitas, 2020), este artigo tem como objetivo relatar as percepções de professores e estagiários de uma turma do 5º ano do Ensino Fundamental, de uma escola pública, no uso do *podcast* em sala de aula. Para isso, foi aplicado um questionário *online*, via *Google Forms*, no qual os profissionais relataram suas experiências, ou intenções de uso, com o *podcast* na sala de aula. Além disso, o trabalho objetiva contrapor com o estudo anterior, que relatou as percepções de profissionais da comunicação sobre o mesmo tema. Apoiados em Montemór (2007; 2019), Rojo e Moura (2019), Marcuschi (2005), Rojo (2012), Avelar e Freitas (2020), entre outros, discutimos o uso de mídias digitais e novas tecnologias como gêneros textuais e como ferramentas na escola, considerando que, como práticas sociais, ao utilizá-las em sala de aula, devemos promover praxiologias e não apenas as considerar como recursos tecnológicos. Como resultado, as percepções dos profissionais da educação divergiram das noções dos participantes ligados ao campo de conhecimento da comunicação.

**Palavras-chave:** *Podcast*. Gênero textual. Praxiologias. Práticas sociais.

### **Introdução**

Atualmente, os *podcasts* são uma das mídias digitais mais acessadas pelo público brasileiro. De acordo com estudo realizado pela plataforma CupomValido.com.br, com dados da Statista e IBOPE, o Brasil é o terceiro país que mais consome *podcast* no mundo, com mais de 30 milhões de ouvintes (Exame, 2022). Na onda desse fenômeno, surgiu o interesse, em

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Língua, Literatura e Interculturalidade (POSLLI), da Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Cora Coralina, Cidade de Goiás-GO. E-mail: monalisapmoraes@gmail.com



2019, considerado o ano dessa mídia (Falcão; Borges, 2019), de investigarmos sobre as possibilidades de praxiologias<sup>2</sup> de *podcasts* nas escolas (Moraes; Freitas, 2020)<sup>3</sup>.

A referida pesquisa foi conduzida durante um *workshop* voltado para diversos públicos, com viés mercadológico, que abordou o seguinte tema: “Introdução, prática e mercado de *podcasts*”. Neste estudo, os participantes não relacionaram o uso da mídia em sala de aula como praxiologias no ambiente escolar, apenas como ferramenta. Por exemplo, alguns deles citaram que um estudante pode escutar/assistir a um *podcast* que aborde a literatura como temática para aprender mais sobre determinada obra literária.

Tal constatação foi explicada pelo fato da maioria dos participantes ser de outras áreas do conhecimento, sobretudo da comunicação. Como reflexão, no artigo produzido, consideramos que o *podcast* na escola deve ser utilizado para além de uma ferramenta, devendo ser visto também como uma prática social, na qual os próprios alunos possam produzir conteúdo, aprendendo as finalidades e utilizações (Moraes; Freitas, 2020).

Retomando Marcuschi (2005, p. 20), lembramos que os gêneros textuais “caracterizam-se muito mais por suas funções comunicativas, cognitivas e institucionais”, assim, podemos dizer que é a função comunicativa do *podcast* que traz o sentido para seus usuários.

Como continuação das reflexões desenvolvidas, pretendemos neste artigo ampliar a pesquisa feita, desenvolvendo, desta vez, análises dentro da escola. Para isso, foi realizado um questionário com professores e estagiários sobre a produção de *podcasts* em sala de aula. Assim, o presente trabalho tem o objetivo de relatar como professores atuantes e estudantes em formação trazem o gênero textual *podcast* para a sala de aula, refletindo se consideram a prática social dos alunos e o contexto em que estão inseridos, ou se o utilizam apenas como recurso tecnológico/ferramenta. Esperamos que o uso como gênero textual se confirme neste caso.

---

2 Pessoa, Silva e Freitas (2021, p. 16) explicam o termo praxiologias como epistemologias fundidas com práticas, para eles: “O termo substitui teorias, pois compreendemos que, pelo menos na nossa área [educação], teorias não podem ser dissociadas da prática”.

3 Artigo produzido para disciplina cursada no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Língua, Literatura e Interculturalidade (POSLLI), da Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Cora Coralina, em 2019, como aluna especial, sob a orientação da Profa. Dra. Carla Conti de Freitas. Posteriormente, o artigo foi apresentado e publicado nos Anais do Seminário de Educação a Distância da Região Centro-Oeste (SEAD-CO), em 2020. Disponível em: <<https://sol.sbc.org.br/index.php/seadco/article/view/14694/14539>>.



Primeiramente, iremos discorrer brevemente sobre a história, o consumo de *podcasts* e a relação da mídia com o ensino, em seguida, iremos apresentar as percepções dos participantes da pesquisa e, por fim, vamos refletir sobre praxiologias na escola com mídias digitais.

### **Podcast: breve história, consumo atual e ensino**

Quando iniciamos a pesquisa sobre *podcast* e ensino, em 2019, vivíamos o auge dessa mídia no Brasil, visto que seu *boom* se deu em 2018, apesar de seu surgimento ter ocorrido em 2004, nos Estados Unidos. Os *podcasts* são programas de áudio (ou vídeo) produzidos para a internet e distribuídos através de um *feed*, que permite aos usuários o acompanhamento ou *download* automático do conteúdo à medida que é atualizado. A mídia aparece como alternativa ao rádio, por apresentar temas específicos e exclusivos para determinado ouvinte ou telespectador, que pode selecionar sua preferência de assuntos. Além disso, aparece como preferência para o público jovem, pois, segundo o Ibope 2019, 47% dos jovens brasileiros entre 16 e 24 anos ouve *podcasts*.

De acordo com a Revista Exame (2022), ao consumir um *podcast*, 55 % dos brasileiros preferem as entrevistas com convidados; narrativa de histórias reais e mesa redonda seguem em segunda e terceira posição. Ainda segundo a publicação, grande parte dos ouvintes de *podcast* consome o conteúdo em paralelo com outras atividades, como tarefas domésticas, ao navegar na internet ou enquanto trabalham ou estudam. Isto é, é uma mídia dinâmica, que permite a realização de outras tarefas, o que otimiza tempo para o ouvinte. Nesse sentido, para Falcão e Borges (2019), o *podcast* é a mídia que melhor se adapta à escassez de tempo:

O *podcast* possibilita que você: 1) ajuste a velocidade de reprodução, podendo acelerar ou diminuir conforme sua vontade; 2) pause, volte, passe para a frente e ouça novamente, ou seja, controle totalmente seu consumo de conteúdo; 3) poucas mídias permitem que você consuma informação e realize outras tarefas ao mesmo tempo como ocorre com a mídia sonora; 4) você escolhe exatamente o que você quer ouvir, o assunto, a abordagem, o apresentador, ou seja, você jamais perderá tempo com um conteúdo que, conforme seu entendimento, não tem muito o que te acrescentar (Falcão; Borges, 2019, p. 10).



Nesse viés, percebemos que o *podcast* permite a interação de quem o consome. Para Montemór (2007), a possibilidade que o mundo digital tem de promover a participação do sujeito na intervenção, criação e produção de comunicação e linguagem é o que a autora chama de epistemologia da performance. Segundo a autora, “essa epistemologia daria conta, então, de desenvolver o interlocutor para agir, legitimando a relevância da agência do sujeito no processo” (Montemór, 2007, p. 37).

Se permite a interação e a agência, essa mídia se torna uma prática social para seus usuários, fazendo sentido para estes, pois estão vivenciando, experimentando. Nesse sentido, como evidenciamos em Moraes e Freitas (2020), para Rojo e Moura (2019), o *podcast* poderia ser analisado como o que eles chamam de novos letramentos:

Os novos letramentos são mais participativos, colaborativos, distribuídos; ou seja, menos individualizados, autorados, dependem menos de licenças de publicação. Assim sendo, são menos dominados por especialistas, seguem regras e normas mais fluidas, os coletivos são as unidades de produção, competência e inteligência (Rojo; Moura, 2019, p. 26).

Pensando o ambiente escolar, uma busca rápida nas plataformas digitais nos revela diversos *podcasts* produzidos para favorecer o estudo de diversas áreas do conhecimento, ou seja, uma ferramenta educacional. Segundo Falcão e Borges (2019), a área da educação possui um amplo domínio na produção de *podcasts*, com temas específicos para alunos, desde estudantes do ensino fundamental a alunos de pós-graduações. Contudo, o *podcast* no ensino deve ser usado para além de um recurso tecnológico, deve ser usado também como gênero textual: uma prática social, no qual os próprios alunos possam produzir conteúdo, aprendendo as finalidades e utilizações dos *podcasts* (Moraes; Freitas, 2020).

Avelar e Freitas (2020, p. 67) destacam a importância sobre a escola pensar nas tecnologias para além do uso e refletir: “para quê, para qual finalidade, ou no porquê do uso” pensando nelas como manifestações de “práticas linguísticas e como possibilidade de inserção social e de cidadania”.

De tal maneira, podemos considerar o *podcast* como um gênero textual. Marcuschi (2005, p. 22) defende que gêneros textuais “se constituem como ações sócio-discursivas para agir sobre o mundo e dizer o mundo, constituindo-o de algum modo”. Logo, visto que o *podcast*



é um texto que encontramos no cotidiano da sociedade atual, vinculado à vida cultural e social, ele se constitui como um gênero textual com praxiologias para seus usuários (Moraes; Freitas, 2020).

Ao encontro disso, a Base Nacional Comum Curricular prevê que “é necessário promover a alfabetização e o letramento digital, tornando acessíveis as tecnologias e as informações que circulam nos meios digitais e oportunizando a inclusão digital” (BNCC, 2018), ou seja, podemos considerar o uso do *podcast* no ensino básico como ferramenta e como gênero textual.

Assim, considerando o exposto, este artigo traz na próxima seção a percepção de professores e estagiários sobre a produção de *podcasts* em sala de aula.

### ***Podcast* na sala de aula e a atuação do aluno**

Os participantes da pesquisa considerados neste trabalho são professores e estagiários de uma escola pública da 1ª fase do Ensino Fundamental, do 1º ao 5º ano, na Cidade de Goiás-GO. Há ainda a contribuição da professora da instituição de Ensino Superior na qual os estagiários estudam, que coordena o estágio, e de uma professora de apoio com formação em Serviço Social, totalizando sete pessoas envolvidas nas atividades de uma turma de 5º ano.

Com formação em Pedagogia, ou ainda discentes do curso, no 3º período, os participantes atuam no 5º ano da referida instituição de ensino, com alunos(as) entre 10 e 12 anos, e responderam voluntariamente ao questionário online, via *Google Forms*. Escolhemos aplicar o questionário com os professores e estagiários do 5º ano por saber que alguns destes trabalharam a mídia em sala de aula.

Diferentemente da pesquisa anterior, no *workshop* com profissionais da comunicação, nesta investigação, os participantes responderam que trabalhariam o *podcast* como gênero textual, promovendo habilidades como produção textual, leitura, escrita e interpretação de texto. Seguramente, a percepção destes entrevistados se dá pela área de formação e atuação, sendo a maioria pedagogos ou estudantes de Pedagogia. Os participantes que abordaram o *podcast* em sala de aula relatam como foi a execução do plano de aula:



*“Começamos apresentando o que é um podcast, mostrando exemplos para os alunos; em seguida a escolha do tema que eles queriam falar; após tema escolhido, o roteiro com perguntas pré-escolhidas para guiar os alunos; eles respondem esse roteiro; a gravação onde o apresentador faz as perguntas já respondidas no roteiro pelos alunos referente ao tema escolhido para que eles não ficassem com vergonha e já soubessem previamente o que falar” (Participante 1).*

*“Foi proposto o gênero textual Podcast, trabalhamos o roteiro falamos sobre o que poderia ser um podcast e na outra aula fizemos o nosso [professor e alunos] próprio roteiro” (Participante 2).*

Diante dos depoimentos, percebemos que existiu a participação dos alunos na produção do *podcast*, principalmente na escolha do tema. Ainda que não em sua totalidade, pois algumas orientações estavam pré-estabelecidas, compreensível já que são crianças da 1ª fase do Ensino Fundamental, houve o protagonismo dos alunos. Para Paiva e Coscarelli (2022, p. 21) uma aula deve ser significativa para os(as) alunos(as):

Dado um tema ou trabalho com determinado gênero textual, é preciso estabelecer uma conexão entre eles e a vida dos estudantes. Lembramos que o trabalho com gêneros textuais trouxe como um dos seus elementos importantes a situação de comunicação na qual ele se insere. A partir dessa reflexão, ou seja, de quem está falando, para quem, em que situação e com que objetivo, é preciso envolver os estudantes na elaboração de uma resposta ou reação a esse texto, seja trazendo outras perspectivas e pontos de vista, aplicando aquelas informações a alguma situação que vivenciam, posicionando-se sobre o tema e os argumentos ou propondo alguma forma de reação a ele, endossando ou refutando aquela abordagem (Paiva; Coscarelli, 2022, p. 21).

Os participantes da pesquisa consideraram que o bom envolvimento dos(as) alunos(as) na aula sobre *podcast* se deu justamente pelo fato de eles(as) poderem escolher o tema a ser falado:

*“A maioria dos alunos se interessaram, alguns ficaram tímidos de início; eles tiveram interesse acredito que pelo tema livre onde puderam falar sobre algo que gostam” (Participante 1).*



*“Todos escolheram temas que gostavam ou já tinha conhecimento sobre. Teve variações de temas muitos bons, trabalhamos com filmes, jogos, animes, e várias outras coisas do dia a dia deles” (Participante 2).*

*“Acredito que o grupo se interessou pelo assunto por fazer parte do dia a dia deles” (Participante 3).*

Ao escolherem o tema sobre o qual iam produzir o *podcast*, a prática no âmbito escolar fez sentido para as crianças, pois elas puderam agir (agência) e performar (performance), assim como Monte Mór (2007) analisa na epistemologia da performance.

Como dito anteriormente, os participantes desta pesquisa, ao contrário da anterior (Moraes; Freitas, 2020), relacionaram o *podcast* na escola para além de uma ferramenta, aplicando-o como gênero textual, aproximando-o da realidade dos(as) aluno(as) e estimulando que eles(as) produzissem e vivenciassem seus próprios *podcasts*. Como ressaltado, por serem do campo de conhecimento educacional, os participantes provavelmente foram apresentados a uma percepção pedagógica, certamente de viés crítico, e aplicaram em seu plano de ensino elaborado para a turma com a qual trabalham.

### **Considerações finais**

Refletindo sobre uma pedagogia dos multiletramentos, Rojo (2012, p. 29) afirma que a escola também deve se voltar para “as possibilidades práticas de que os alunos se transformem em criadores de sentido”. Nesse contexto, a autora debate praxiologias que visem uma prática transformada, mas que para isso, “é necessário que eles [alunos] sejam analistas críticos, capazes de transformar os discursos e significações” (Rojo, 2012, p. 29).

De tal maneira, considerar o uso de novas tecnologias no ambiente escolar aplicando-as não apenas como ferramenta, mas como gênero textual – prática social é de fundamental importância para a transformação social e cognitiva dos(as) alunos(as). Fazer sentido para eles(as) é o que pode promover o que Montemór (2019, p. 6-7) chama de expansão de perspectivas, que perpassa pela construção de letramentos críticos, o que leva também à desconstrução de um *habitus* interpretativo, do qual sempre se espera uma leitura legitimada,



ou autorizada (Montemór, 2019, p. 8-9), fazendo, assim, com que o(a) aluno(a) tenha uma reflexão e leitura crítica sobre os assuntos abordados em aula.

Nesta pesquisa, avaliamos que os participantes promovem uma prática social ao relacionarem o *podcast* na escola para além de uma ferramenta, aplicando-o como gênero textual, aproximando-o da realidade dos estudantes e estimulando-os na produção e vivência de seus próprios *podcasts*. Como esperado, devido à área de formação, estes(as) professores(as) estão aplicando praxiologias com seus estudantes, construindo sentidos para eles(as). Contudo, é preciso expandir essas percepções e atuações, pois, infelizmente, não é incomum profissionais da educação que insistem em utilizar recursos tecnológicos e/ou mídias digitais apenas como ferramenta de ensino.

Além disso, consideramos neste estudo, que é preciso refletir com os(as) alunos(as), como apontaram Avelar e Freitas (2020, p. 67), o “para quê, para qual finalidade, ou no porquê do uso” de mídias digitais, como o *podcast*. Pois, é na escola que devemos incentivar as diversas leituras e diálogos, promovendo a desconstrução de uma única leitura e a criticidade dos(das) estudantes.

## REFERÊNCIAS

AVELAR, Michely Gomes; FREITAS, Carla Conti de. (Re)pensando as práticas de linguagem em tempos digitais. In: FREITAS, Carla Conti de; BROSSI, Giuliana Castro; ROSA- DA-SILVA, Valéria. **Políticas e formação de professores/as de línguas**. Anápolis: Editora da UEG, 2020. p. 59-68.

BNCC. **Base Nacional Comum Curricular**. Ministério da Educação. Brasil, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/implementacao/praticas/caderno-de-praticas/aprofundamentos/193-tecnologias-digitais-da-informacao-e-comunicacao-no-contexto-escolar-possibilidades>. Acesso em: 27 jul. 2023.

EXAME. Brasil é o 3º país que mais consome *podcast* no mundo. **Revista Exame Online**, 21 de março de 2022. Disponível em: <https://exame.com/pop/brasil-e-o-3o-pais-que-mais-consome-podcast-no-mundo/> Acesso em: 20 jul.2023.

FALCÃO, Bárbara; BORGES, Taynara. **Podcast: Introdução, Prática e Mercado**. Agência Reverbera: Brasil, 2019.

MARCUSCHI, Luiz. Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. **Gêneros textuais e ensino**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.



MONTE MOR, Walquiria. **Linguagem digital e interpretação**: perspectivas epistemológicas. *Trab. Ling. Aplic. Campinas*, 46(1). 2007. p. 31-44.

MONTE MOR, Walkyria. Letramentos críticos e expansão de perspectivas: diálogo sobre práticas. In: JORDÃO, Clarissa Menezes; MARTINEZ, Juliana Zeggio. MONTEMOR, Walkyria (org.). **Letramentos em prática na formação inicial de professores de inglês**.

Campinas, SP: Pontes editores, 2019.

MORAES, Monalisa Pedroso; FREITAS, Carla Conti de. PODCAST na escola: mais um recurso tecnológico ou espaço de produção de conteúdo?. In: **SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA DA REGIÃO CENTRO-OESTE (SEAD-CO)**, 3. 2020, Evento Online. Anais [...]. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, 2020. ISSN 2763-8995. DOI: <https://doi.org/10.5753/seadco.2020.14694>.

PAIVA, Francis; COSCARELLI, Carla. Primeiros passos em direção aos multiletramentos: um roteiro de perguntas para o professor de linguagens. **Kiri-kerê: Pesquisa em Ensino**, Dossiê n.8, ago. 2022.

PESSOA, Rosane Rocha; SILVA, Kleber Aparecido da; FREITAS, Carla Conti de. Praxiologias do Brasil Central: Floradas de educação linguística crítica. In: PESSOA, Rosane Rocha; SILVA, Kleber Aparecido da; FREITAS, Carla Conti de. (org.). **Praxiologias do Brasil Central sobre educação linguística crítica**. São Paulo: Pá de Palavra, 2021.

IBOPE. **PESQUISA IBOPE 2019**. Disponível em <<https://piaui.folha.uol.com.br/quatro-em-cada-dez-internautas-ja-ouviram-podcast-no-brasil/>>. Acesso em: 28 jul. 2023.

ROJO, Roxane. Pedagogia dos Multiletramentos: diversidade cultural e de linguagem na escola. In: ROJO, R.; MOURA, E. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012. p. 11-31.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo. Letramentos. In: \_\_\_\_\_. **Letramentos, mídias e linguagem**. São Paulo: Parábola, 2019. p.11-28.